

**A tradução comentada em contexto acadêmico:
reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual
em construção**

***Commented translation in academic context: initial reflections
and examples of textual genre under construction***

Adriana Zavaglia

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil
adriana.zavaglia@gmail.com

Carla M. C. Renard

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil
renard.carla@gmail.com

Christine Janczur

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil
christine.jz@gmail.com

Resumo: O presente artigo propõe contribuir, numa espécie de hermenêutica da práxis, para um entendimento inicial, nos Estudos da Tradução, do gênero textual tradução comentada – pouco discutido, porém muito frequente – no âmbito acadêmico, mais especificamente, no contexto de trabalho de conclusão de mestrado. Para tanto, apresentaremos exemplos de duas dissertações, a primeira discutindo uma tradução com notas e a segunda uma tradução com comentários, ambas do francês para o português brasileiro, cujos resultados se encaixam, a nosso ver, nesse gênero, ainda em construção. Traremos, ainda, discussões de trabalhos publicados a respeito e considerações sobre a relação entre a prática acadêmica da tradução comentada e fundamentos teóricos possíveis.

Palavras-chave: Tradução comentada; tradução anotada; contexto acadêmico; francês.

Abstract: This article proposes a contribution, in a sort of hermeneutics of praxis, for an initial understanding of the genre commented translation – little discussed, but very common – in Translation Studies, in the academic environment, more specifically, in the context of masters dissertations. To this end, we present examples of two dissertations, the first one, discussing a translation with notes and the second one, a translation with commentary, both from French into Brazilian Portuguese, whose results fit, in our understanding, in this genre. We will also deal with issues related to some published works and a discussion on the relationship between the academic practice of commented translation and its possible theoretical foundations.

Keywords: Commented translation; annotated translation; academic context; French.

Recebido em 1 de julho de 2015

Aprovado em 6 de outubro de 2015

Introdução

A problemática referente à tradução comentada começa em sua designação: realizar uma tradução comentada seria explicá-la, explicitando os procedimentos e estratégias adotados? Seria criticá-la, analisando-a de maneira aprofundada e apresentando seus fundamentos teóricos e epistemológicos? Seria complementá-la, arrematando-a, por acréscimos enciclopédicos, históricos ou contextuais? E de que modo? Qual sua forma? Qual sua função? Qual sua natureza? Haveria um consenso entre tradutores, pesquisadores ou editores sobre o que seria uma tradução comentada?¹

¹ Importa lembrar que não se pretende aqui identificar e descrever o gênero “tradução comentada”, mas incitar à reflexão sobre o tema em contexto acadêmico. Assim, trata-se de considerações *iniciais* para as quais ainda não foi desenvolvida qualquer metodologia e a cujos questionamentos não se pretende responder.

Uma pesquisa sobre publicações acadêmicas desse tipo em bancos de universidades brasileiras e em números de revistas disponíveis *online* e em traduções publicadas por editoras mostrou que duas denominações são frequentemente encontradas: “tradução comentada” e “tradução anotada”. O conteúdo desses trabalhos, no entanto, não aponta para características que levem a uma diferenciação do ponto de vista de sua natureza, função ou forma. Em alguns casos, os autores usam até mesmo as duas denominações, “tradução anotada e comentada”. As variantes sinônimas, portanto, vêm ainda acrescentar um aspecto complicador à discussão.

Williams e Chesterman, em sua obra *The Map*, no item “Areas in Translation Research” e no subitem “Texts Analysis and Translation”, trazem *translation with commentary* e *annotated translation* como formas de nomear esse mesmo gênero textual. Segundo os autores, “uma tradução com comentários (ou tradução anotada) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o tradutor traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu processo de tradução”.² Nesta citação, “tradução com comentários” é tratada como sinônimo de “tradução anotada”, que aparece entre parênteses como uma explicação. Os autores acrescentam que os comentários apresentados pelo tradutor podem aparecer de diferentes formas, dentre as quais discussões sobre a tarefa de traduzir, análise do texto-fonte e do contexto em que ele foi escrito ou ainda justificativas sobre os problemas enfrentados e as soluções propostas no decorrer do processo tradutório. Isto é, toda e qualquer análise crítica envolvendo os textos fonte e alvo podem caracterizar o que chamam de tradução com comentários ou anotada.

Em 2007, a revista *Palimpsestes* dedicou um volume especial ao tema intitulado “De la traduction comme commentaire au commentaire de la traduction”. Na apresentação do número, Maryvonne Boisseau chama a atenção para a relação histórica e independente entre a tradução e o comentário, colocando em relevo o que ambos têm em comum: de um lado, o pré-texto, como uma reflexão e um prolongamento do primeiro texto, e a oralidade, pela interpretação e pelas glosas explicativas (cotidianas, pedagógicas etc.); de outro, o fato de se estabelecerem, definitivamente, na escrita. A autora coloca ainda que, seja ela

² WILLIAMS; CHESTERMAN. *The Map*, p. 7, tradução nossa, parênteses dos autores.

intralingual, ou transferência interlingual, a tradução é a sua expressão [de uma interpretação], mas, enunciada, ela mascara para o leitor o trabalho que a gerou. É nesse sentido que uma tradução é o comentário desconhecido de sua fonte [...]. Assim, o enunciado traduzido conserva tanto os vestígios do comentário que precede sua enunciação quanto os vestígios que o colocam em relação com circunstâncias particulares dessa enunciação: contexto histórico, cultural, linguístico.³

A partir dessas palavras, ainda é possível acrescentar mais um questionamento à problemática antes levantada: a tradução não seria ela própria um comentário?

No Brasil, podem ser citados pelo menos dois exemplos de veículos acadêmicos que estimulam a produção do gênero em pauta: *Scientia Traductionis*, da Universidade Federal de Santa Catarina, que dedica em alguns números um espaço exclusivo para a publicação de traduções comentadas (número/ano da publicação: 7/2010, 9/2011, 14/2013-dossiê, 15/2014), e *Cadernos de Literatura em Tradução*, da Universidade de São Paulo, que tem esse tipo de trabalho como seu objetivo principal. Esses estudos nos conduzem a formular ainda outras indagações: em contexto científico ou acadêmico, as referências também poderiam ser consideradas comentários? Qual a fronteira entre a tradução e o comentário? Citemos dois exemplos.

Na edição de número 7 de 2010, a revista catarinense apresenta uma seção intitulada “Tradução Comentada”, da qual destacamos o artigo de Gilles Jean Abes.⁴ Trazendo a público um texto-chave de Charles Baudelaire, o tradutor inclui peritextos relacionados ao autor traduzido (“Considerações sobre Charles Baudelaire, crítico de arte”), ao gênero traduzido (“A tradução do texto epistolar”) e à própria tradução, apresentada ao lado do original, com seis notas de naturezas diversas, referências bibliográficas e pictóricas. Ressaltamos, da revista paulistana, a tradução comentada de Sigfrid Frömming de uma obra de 1865 de Wilhelm Busch, autor de “Max und Moritz”, num volume reservado à literatura infantil. Nesse trabalho, Frömming apresenta o autor, num item introdutório; a abordagem que fundamenta teoricamente sua tradução

³ BOISSEAU. *Palimpsestes*, p. 2, tradução nossa.

⁴ ABES. Charles Baudelaire e sua primeira crítica de arte.

(“Torop e suas Teorias”) para ressaltar o procedimento que privilegiou, o da recodificação analítica dominante macroestilística; a tradução bilíngue, que conta com a reprodução dos desenhos que o próprio autor realizou para a obra original e, finalmente, as seções intituladas “Comentários a respeito das escolhas tradutórias”, “Escolhas do título e do prólogo”, “Primeira travessura”, “Considerações finais”, seguidas das referências.

Percebe-se, de imediato, que os aspectos teóricos e intertextuais convocados para a realização dessas traduções têm uma importância diferente daquela de um produto editorial que deseja vender a tradução. Nas revistas acadêmicas, mesmo naquelas que são de fato vendidas, não é somente a tradução em si que sobressai, mas toda a pesquisa feita para se chegar a ela. Ainda que se diferenciem, os estudos publicados em veículos científicos como os anteriormente citados guardam pontos em comum com dissertações e teses, de que muitas vezes são o resultado. No entanto, os trabalhos publicados em revistas, que merecem um estudo à parte, não serão, aqui, objeto de nosso interesse.

A partir desses poucos questionamentos, o presente artigo propõe contribuir, numa espécie de hermenêutica da práxis, para um entendimento inicial, nos Estudos da Tradução, do gênero textual tradução comentada – pouco discutido, porém muito frequente – no âmbito acadêmico, mais especificamente, no contexto de trabalho de conclusão de mestrado. Para tanto, apresentaremos dois exemplos de dissertações (JANCZUR, 2015; RENARD, 2014)⁵ cujos resultados se encaixam, a nosso ver, nesse gênero em construção, discussões de trabalhos publicados a respeito e considerações sobre a relação entre a prática acadêmica da tradução comentada e fundamentos teóricos possíveis, não necessariamente nessa ordem.

1. Primeiras observações

No mercado editorial, em alguns casos, as traduções vêm acompanhadas de prefácios, posfácios, notas. Esses peritextos seriam um instrumento de visibilidade do tradutor? E que função teriam? Para Karas,⁶

⁵ JANCZUR. *Apresentação de uma tradução comentada da Introdução e da Primeira Parte de Introduction à l'étude de la médecine expérimentale de Claude Bernard*; RENARD. *O ritmo no romance L'enfant multiple, de Andrée Chéhid*.

⁶ KARAS. *Le statut de la traduction dans les éditions bilingues*.

no contexto de traduções intralinguais atualizadoras, os comentários ou notas do tradutor, além da edição bilíngue dessas obras, são o meio mais explícito de visibilidade do tradutor. Já segundo Sardin,⁷ as funções da nota do tradutor, por princípio interpretativa, seriam exegética e “meta-”, “assinal[ando], por sua própria presença, que a fronteira que separa tradução e comentário é vaga, instável, e que o comentário está sempre na tangente do texto”. Essa presença, diz ainda, é um “hiato”. Citando vários autores, dentre os quais Ladmiral, Berman, Steiner e Derrida, Sardin entende que essas funções derivam da função pedagógica da tradução e que são “um convite à viagem (por sua função exegética) e à superação (por sua função ‘meta-’)”. O que mais importa, ainda prossegue, não seria discutir sua necessidade “sempre debatida”, mas suas “possibilidades”, que fazem, a seu ver, “a beleza do gesto tradutório”.⁸

Por outro lado, embora alguns autores, dentre os quais Sanconie,⁹ não concordem com isso, a tradução pode de fato ser considerada, ela própria, um comentário; implícito, porém, uma vez que, a exemplo de vários trabalhos realizados nessa direção, somente o contraste com o original e/ou com outras traduções desse mesmo original tornaria possível uma análise desse comentário. Exemplos desse tipo abundam no mercado, em que traduções são publicadas sem qualquer elemento paratextual, sejam eles peritextuais ou epitextuais,¹⁰ a elas relacionado. Em alguns casos, inclusive, nem mesmo o nome do tradutor aparece. Esta prática, no entanto, parece não encontrar lugar em contexto acadêmico, uma vez que vai de encontro ao objetivo principal do desenvolvimento de cada projeto.

Os comentários observados em traduções comentadas publicadas em forma de teses ou dissertações constituem peritextos variados, como apresentações, análises e notas, que podem ser comparados a prefácios, posfácios e notas de rodapé ou de fim de volume encontrados em traduções publicadas por editoras. A diferença principal que separa esses comentários, de modo a distingui-los, toma especialmente corpo numa entidade e atividade, embora sempre visadas, exteriores: o leitor e seu percurso de leitura. Em *Hautes Terres*, por exemplo, tradução

⁷ SARDIN. De la note du traducteur comme commentaire, p. 3.

⁸ SARDIN. De la note du traducteur comme commentaire, p. 8.

⁹ SANCONIE. Préface, postface, ou deux états du commentaire par des traducteurs.

¹⁰ GENETTE. *Seuils*.

de Jorge Coli e Antoine Seel para o francês de *Os Sertões*, há três prefácios, um glossário e notas de fim de volume. Embora estejam ali, colados à tradução como comentários explícitos, o leitor francófono, caso assim queira, poderá deixá-los de lado. No caso de um trabalho acadêmico, no entanto, os comentários não são complementos acessórios à tradução; ambos integram um mesmo conjunto e, embora algumas vezes independentes, são, no contexto da leitura, seja dos membros da banca julgadora, seja dos estudiosos interessados, componentes de igual importância, já que um não tem razão de ser sem o outro. Nesse sentido, o comentário também pode ser visto como uma modalidade de tradução, uma vez que ele traduz a própria tradução.

Seria possível, neste momento, indagar-se sobre a natureza da tradução comentada, sua configuração e sua finalidade. Em resumo, o que seria uma tradução comentada, como seria ela, para que serviria e, mais especificamente, no horizonte deste trabalho, o que seria, como seria e para que serviria uma tradução comentada no âmbito acadêmico? Para lançar reflexões iniciais a respeito desse gênero em construção, apresentamos a seguir dois exemplos de projetos de mestrado de tradução comentada, desenvolvidos junto a um mesmo programa e orientados por uma mesma professora, que ilustram a sua diversidade.¹¹

2. Breve ilustração da diversidade do gênero

Com o objetivo de divulgar o saber científico de uma obra do século XIX, o trabalho de tradução comentada de Janczur tem como desafio lidar com diferentes áreas do conhecimento, a saber, a Biologia, a Filosofia e a História da Ciência. O clássico *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*, do francês Claude Bernard, publicado em 1865, divide-se em três partes, precedidas de uma Introdução. O projeto de mestrado incluiu a tradução comentada da Introdução e da Primeira Parte do livro (Do Raciocínio Experimental) e pautou-se na opção de realizar uma tradução estrangeirizante (VENUTI, 1995; não etnocêntrica, BERMAN, 1984; voltada para o autor, SCHLEIERMACHER, 1813),¹²

11 Projetos desenvolvidos junto ao Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês – FFLCH – USP, orientadora: Adriana Zavaglia.

12 VENUTI. *The translator's Invisibility*; BERMAN. *L'épreuve de l'étranger*; SCHLEIERMACHER Sobre diferentes métodos de traduzir.

considerando a época em que o texto foi escrito pelo autor em relação à época em que o texto será lido pelo leitor brasileiro. Desse modo, o aspecto histórico da ciência foi privilegiado e, nesse sentido, a terminologia foi atualizada em forma de comentários, conforme o entendimento da tradutora, ela mesma bióloga, e dos consultores envolvidos (Prof. Dr. Hamilton Haddad Junior, do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, e Profa. Dra. Maria Elice Brzezinski, do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo e da Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia).

O trabalho de tradução comentada foi estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo foi dividido em três itens, que trazem, respectivamente, uma biografia de Claude Bernard (contexto histórico, profissional e pessoal), a importância de seu trabalho (tanto para a época em que ele foi produzido como também seus reflexos nos dias de hoje) e uma relação de todas as obras publicadas por esse autor. O segundo capítulo apresenta a fundamentação teórica concernente à teoria da tradução e também se divide em três itens. No primeiro, discutem-se os conceitos de domesticação e de estrangeirização, o segundo item mostra o papel da tradução na difusão do conhecimento científico e o terceiro apresenta a fundamentação teórica relacionada à terminologia, uma vez que o texto científico em tradução apresenta termos específicos de uma dada área do conhecimento. Finalmente, no terceiro capítulo aborda-se o conceito de tradução comentada, apresentam-se os materiais utilizados para a confecção do trabalho, a metodologia utilizada e, finalizando o capítulo, a tradução do texto.

Dentre os vários comentários feitos no trabalho, as notas mostraram-se particularmente importantes. Inicialmente, quatro tipos de notas distintos foram observados, constatados e realizados ao longo do processo de tradução. As notas históricas compreendiam fatos que refletem um dado momento da História da Biologia, cientistas citados (como Michel-Eugène Chevreul) ou eventos (como as descobertas sobre o funcionamento do fígado no processo de glicogenólise, importante para o esclarecimento dos mecanismos da diabetes), significativos para o desenvolvimento da ciência; as explicativas eram um elemento facilitador para o leitor não familiarizado com a terminologia da obra (“rochedo”: estrutura do osso temporal; “hipocôndrio”: parte lateral do abdome etc.); as atualizadoras designavam ou conceituavam modernamente o contexto científico ou a terminologia (“seres elevados” séc. XIX e

“seres complexos” atualmente; “experiência” séc. XIX e “experimento” atualmente etc.); as notas de tradução mostravam as escolhas linguísticas adotadas moldadas pelo contexto da obra e pela opção estrangeirizante do projeto (“instruir” séc. XIX, traduzido em português por “instruir” na acepção “dotar de instrumentos”, “fornecer o instrumental”). O que parecia, de início, esclarecedor – ou seja, diferenciar tipologicamente as notas – se tornou, como veremos, ao final do trabalho um complicador.

O trabalho final da tradução foi apresentado sob a forma de duas colunas, lado a lado, em francês na esquerda e em português à direita, caracterizando uma publicação bilíngue interlingual. As notas, tanto as originais do autor quanto as propostas ao longo da tradução, foram numeradas em sequência. Para distingui-las, as primeiras foram transcritas da forma como aparecem no texto original e as notas de tradução foram precedidas de N.T. Optou-se por não separar as notas de tradução em diferentes tipos ao longo do texto pelo fato de várias delas serem, ao mesmo tempo, de dois ou mais tipos (por exemplo, históricas e de tradução propriamente dita), o que poderia causar mais ambiguidades do que esclarecimentos.

Considere-se o seguinte exemplo de nota histórica:

<p><i>Conserver la santé et guérir les maladies :</i> tel est le problème que la médecine a posé dès son origine et dont elle poursuit encore la solution scientifique. L'état actuel de la pratique médicale donne à présumer que cette solution se fera encore longtemps chercher. Cependant, dans sa marche à travers les siècles, la médecine, constamment forcée d'agir, a tenté d'innombrables essais dans le domaine de l'empirisme et en a tiré d'utiles enseignements.</p>	<p><i>Conservar a saúde e curar as doenças:</i> tal é o problema que a medicina propôs desde sua origem e cuja solução científica ela ainda persegue. O estado atual da prática médica [Nota] leva a presumir que essa solução ainda será buscada por muito tempo. No entanto, em sua marcha através dos séculos, a medicina, constantemente forçada a agir, fez incontáveis tentativas no domínio do empirismo e dele tirou ensinamentos úteis.</p>
---	--

N.T. Estado atual da prática médica: conjunto das práticas executadas até o ano de 1865 por rotina, sem fundamento científico. O estado da prática médica em 1865, ao qual Claude Bernard se refere, certamente era muito diferente do de hoje. No que diz respeito ao conhecimento do que causava as doenças, seu diagnóstico e tratamento, existiam ainda enormes desafios. Muitas dessas explicações se baseariam, posteriormente, nos trabalhos de Claude Bernard, que, a partir de suas descobertas, estabeleceu um verdadeiro ponto de virada na compreensão dos fenômenos fisiológicos que regulam o corpo humano e na maneira de tratar as doenças. Essa era uma época em que, como mencionado no capítulo 1, práticas como a sangria eram executadas

apenas por rotina, sem qualquer fundamento científico. O papel dos micro-organismos como causadores de doenças ainda não era bem determinado. Louis Pasteur, contemporâneo de Claude Bernard, fez suas descobertas a esse respeito em 1864; no momento em que Claude Bernard escreveu sua obra, essas ideias ainda não tinham sido aplicadas à prática médica. Vacinas como a Salk ou a Sabin, contra a poliomielite, só apareceram nos anos 1950. O interior do organismo e os processos cirúrgicos ainda não tinham sido explorados e constituíam uma área da medicina ainda bastante inexplorada, assim como a fisiologia e a patologia. O estado da medicina nesse período como um todo pode ser visto com mais detalhes em Vieira (2012, p. 582-621).

Neste caso, a nota contextualiza o estado em que se encontrava a medicina no século XIX, bastante diferente da realidade do século XXI, na qual está inserido o leitor da tradução, que não tem necessariamente conhecimento do quanto ainda era rudimentar a prática médica da época e que poderá entender melhor a obra e as suas contribuições.

Observe-se agora uma nota, em princípio, de tradução propriamente dita:

<p>Il est ainsi évident pour tout esprit non prévenu que la médecine se dirige vers sa voie scientifique définitive. Par la seule marche naturelle de son évolution, elle abandonne peu à peu la région des systèmes pour revêtir de plus en plus la forme analytique, et rentrer ainsi graduellement dans la méthode d'investigation commune aux sciences expérimentales.</p>	<p>Assim, é evidente para todo espírito [Nota] sem preconceitos que a medicina rumo em direção à sua via científica definitiva. Simplesmente pelo curso natural de sua evolução, ela abandona pouco a pouco a região dos sistemas para assumir cada vez mais a forma analítica e assim entrar, gradualmente, no método de investigação comum às ciências experimentais.</p>
--	---

N.T esprit s.m. espírito, pensamento, mente.

O autor utiliza a palavra no sentido de *pensamento*; a acepção que seria hoje a mais adequada ao contexto seria *mente*. No entanto, a fim de retratar o vocabulário da época e de acordo com a nossa proposta de tradução, mantivemos a palavra que, em português, corresponde mais diretamente ao termo utilizado no século XIX.

Neste caso, trata-se de uma nota de caráter híbrido, pois ela tanto traz informações a respeito da opção de tradução como da atualização de um termo, hoje utilizado diferentemente na ciência. Assim, a nota anterior poderia ser classificada ao mesmo tempo como de tradução propriamente dita e como atualizadora. Vejamos ainda a nota seguinte:

<p>Le raisonnement sera toujours juste quand il s'exercera sur des notions exactes et sur des faits précis ; mais il ne pourra conduire qu'à l'erreur toutes les fois que les notions ou les faits sur lesquels il s'appuie seront primitivement entachés d'erreur ou d'inexactitude. C'est pourquoi <i>l'expérimentation, ou l'art d'obtenir des expériences rigoureuses et bien déterminées, est la base pratique et en quelque sorte la partie exécutive de la méthode expérimentale appliquée à la médecine.</i></p>	<p>O raciocínio será correto sempre que se fundamentar em noções exatas e fatos precisos; mas ele estará fadado ao erro todas as vezes em que as noções ou os fatos sobre os quais se apoia estiverem primariamente maculados pelo erro ou pela inexactidão. É por isso que a <i>experimentação</i> ou a arte de obter experiências [Nota] rigorosas e bem determinadas é a base prática e, de certa forma, a parte que executa o método experimental aplicado à medicina.</p>
--	--

N.T. expérience *s.f.* experiência, experimento.

Hoje distingue-se “experiência” (vivência) e “experimento” (atividade no laboratório). O próprio Claude Bernard alerta mais adiante no seu texto que essa distinção pode ser feita também em língua francesa. No entanto, ele afirma que irá utilizar, em qualquer dos casos, a palavra “experiência”, uma vez que essa distinção ainda não estava muito bem estabelecida na época. Para obedecer ao mesmo critério que foi outrora adotado por ele, optamos por traduzir a palavra *expérience* por *experiência*, em qualquer das conotações, mesmo sabendo que em certos casos o mais coerente atualmente seria dizer *experimento* (nos casos em que ele se refere ao procedimento de laboratório).

Mais uma vez, a nota acima, também híbrida (de tradução, histórica e atualizadora), mostra a esterilidade de uma classificação que, apesar de ter sido útil para o entendimento do processo por parte da aluna, como se percebe ao longo da dissertação, não se sustenta na prática do comentário. Assim, apesar das pesquisas realizadas, tanto na universidade de origem como em outras, sobre o gênero tradução comentada em contexto acadêmico, nenhum trabalho, teórico ou empírico, foi elucidativo o bastante para direcionar as opções finais em Janczur. Consequentemente, a falta de referências a respeito autoriza, por um lado, uma configuração textual, do ponto de vista do gênero, mais livre e, por outro, dificulta essa mesma configuração.

Outro exemplo ilustrará também a questão em estudo, a do gênero acadêmico tradução comentada, a nosso ver, em construção. Com o propósito de apresentar uma tradução comentada de *L'enfant multiple*, de Andrée Chedid para o português brasileiro, Renard discute o processo tradutório do romance. Inicialmente, foi realizada uma pesquisa sobre

a autora, suas obras, seu processo criativo e as críticas relacionadas. Primeiramente poeta, a escritora também publicou novelas, romances, peças de teatro e letras de música. Em toda a sua obra, a busca pelo ritmo está presente. Nesse sentido, a tradução do ritmo, que é a “organização do movimento da palavra por um sujeito”¹³ e a “organização do sentido no discurso”,¹⁴ orientou a tradução.

O trabalho foi realizado por etapas, envolvendo revisões, alterações, ponderações iniciais e marcações no próprio texto. Movimentos tradutórios gerais, nesse processo, foram registrados. Percebeu-se, nesses gestos, e por ferramentas distintas, incluindo o programa da linguística de *corpus* AntConc,¹⁵ que os trechos mais problemáticos eram os que apresentavam com mais frequência figuras relacionadas à música e aos sons. Após essa etapa, foram selecionados trechos específicos tendo como critério as dificuldades – chamadas de “pontos de atenção” – apontadas nos comentários.

Cada trecho original foi disposto em tabelas, de forma numerada, na ordem em que aparece no livro (Trecho 1, Trecho 2 etc.), com até quatro traduções, acompanhadas de suas respectivas ponderações e datas, na ordem crescente, conforme veremos nos exemplos 1 e 2 a seguir. Ao avaliar um a um, de forma subsequente, Renard observou com mais clareza o processo em que estava envolvida, que chamou de criativo-tradutório. Inicialmente, usavam-se apenas marcações coloridas no texto original e na tradução. Os primeiros comentários não eram tampouco específicos: marcavam-se pontos de atenção e escreviam-se na casa da tabela concernente, intuitivamente, apontamentos como “não gostei” ou “alterar”, “campo semântico”, “ver ao final o que foi decidido”, “passé simple – presente ou passado? Ver o que fica melhor. Sem perder a força”. Em seguida, percebem-se referências a definições de dicionários acompanhadas do registro de observações do tipo “acréscimo a fim de manter o efeito rítmico, relativo a um monumento histórico citado no livro”. Os últimos comentários são mais detalhados: fonéticos – “Acento de grupo; foi provavelmente proposital: *Installée, années, Méditerranée, prendraient, débarquerait, gagneraient*. Tentativa de manter *par mer et par chemin de fer*”; ou mesmo: “p/p/p //ph/f // d/des/den/dans/des/d/de/d

¹³ DESSONS; MESCHONNIC. *Traité du rythme*, p. 28.

¹⁴ MESCHONNIC. *Critique du rythme*, p. 70.

¹⁵ LAURENCE. *AntConc 3.4.1w*.

// endroits / formats” – ou referentes a alterações pontuais: “Déracinés – palavra importante para Chedid. // Trecho muito forte. Reler, não prestei atenção ao ritmo. Deixei-me levar pelo acontecimento, pela emoção. Aqui sem dúvida é preciso transmiti-la”; “Secoué de sanglots – tenho visto muito essa frase, em livros dela e no livro de André Gide que li em dezembro (L’étroite porte, algo assim)”. Ao observar suas próprias traduções, retraduações ou versões – isso também valeria um capítulo à parte nesta reflexão –, a mestranda percebe, ao final, que o seu processo tradutório assemelha-se ao da escritura da escritora, ambas escrevendo um texto bruto e depois o lapidando, buscando a própria tradução, o próprio texto, a própria linguagem.

Os trechos abaixo elucidam o processo:

Exemplo 1

Original¹⁶

Dénué de rancune, Léonard s’en donnait à cœur joie. Il faisait grimper son neveu sur ses épaules, et caracolait autour de la table des banquets en hennissant, en lançant de bons mots à chaque invité.

Traduções

(1) 19/12/2012	Comentários
Desprovido de ressentimentos, Léonard se doava à tarefa com imenso prazer. Fazia o sobrinho subir em seus ombros e fanfarreava ao redor da mesa do banquete relinchando, ao mesmo tempo em que distribuía elogios a cada convidado.	Sem comentários.
(2) 27/07/2014	Comentários
Desprovido de rancor, Léonard se doava de corpo e alma. Fazia o sobrinho subir em seus ombros e caracolava ao redor das mesas dos banquetes, relinchando e proferindo ditos espirituosos a cada convidado.	dénué / s’en donnait – desprovido / se doava (não gostei ainda)

¹⁶ CHEDID. *L’enfant multiple*, p. 11.

(3) 11/05/2015	Comentários
Sem rancores, Léonard se doava de corpo e alma. Fazia o sobrinho subir em seus ombros e caracolava ao redor das mesas dos banquetes relinchando, proferindo ditos espirituosos a cada convidado.	É difícil se inspirar para achar a palavra certa, mesmo consultando vários dicionários. Às vezes a solução pode ser mais simples do que parece.
(4) 18/06/2015	Comentários
Sem um pingo de ira, Léonard se comprazia. Fazia o sobrinho subir em seus ombros e caracolava contornando a mesa dos banquetes enquanto relinchava e proferia ditos jocosos a cada conviva.	Não tinha ficado nada bom. O ritmo tinha sido totalmente descartado. Atentei para: Faisait – grimper – Caracolait – banquetes – invité / autour – table / en hennissant, en lançant.

Levando em conta as datas identificadas, percebe-se que houve grandes intervalos entre a tradução e as releituras e alterações. A primeira tradução (1) foi realizada de maneira bruta, sem nenhuma atenção ao ritmo. Já na primeira revisão (2), em que aparece o primeiro comentário, observa-se um ponto de atenção relativo à sonoridade. O texto começou a ser lapidado. Na terceira (3), verifica-se uma tentativa falha de modificação no texto e um desabafo no comentário relacionado à falta de inspiração – ou seja, o registro das etapas da prática corrobora o fato de a tradução ser uma atividade de caráter criativo. Ao final, comparando a primeira e a última tradução (1 e 4), observa-se a diferença rítmica do texto traduzido e dos comentários, que mostram a percepção detalhada de Renard na quarta e última modificação. Ao contrário da tradução 3, na 4 é nítida a inspiração, primordial, na tradução do ritmo.

Nota-se, finalmente, que as explicações detalhadas sobre as escolhas não foram anotadas nos comentários, mas simplesmente pensadas e feitas, ou seja: durante o ato tradutório, o tradutor não visa outro leitor além dele mesmo; visa a sua própria releitura enquanto tradutor realizador do processo em curso. Nesse sentido, a fim de elucidar as escolhas “ocultas”, a aluna discute, na análise do trecho, os detalhes centrais, numa espécie de comentário do comentário: atendo-se à transformação de *desprovido de ressentimentos* (1) para *desprovido de rancor* (2), *sem rancores* (3) e *sem um pingo de ira* (4), verifica-se o movimento da própria atividade tradutória em busca do movimento cadenciado do texto em português. Essa ênfase, na tradução 4, é dada inicialmente pela repetição da vogal [i]: *ira, comprazia, fazia,*

subir, remetendo ao ritmo como tradução do próprio ar, do menino no alto, sentindo o vento. Em seguida o ritmo se torna circular, com *encaracolar* e o uso de palavras mais redondas, com as vogais [o] e [a]: *contornando, enquanto*. O ritmo retoma, então, a cadência anterior e a palavra *enquanto* possibilita o uso de *proferia* que justifica a escolha de *conviva* no lugar de *convidado*, reforçando dessa maneira a acentuação final em [ia]. Outro ponto de atenção não indicado nos comentários, mas verificado nas quatro traduções é *la table des banquets*, literalmente *a mesa dos banquetes (singular + plural)*, como utilizado em 4. Segundo interpretação de Renard, no contexto Chedid se refere à mesa onde sempre eram servidos os banquetes durante as reuniões de família. Pensou-se no uso de *mesa de quitutes, mesa dos pratos e mesa das refeições*. Até o momento da redação deste artigo, havia-se mantido a tradução literal (como em 4). Por último, a troca de *espirituosos* (1,2,3) por *jocosos* (4) dá-se pela escolha do jogo sonoro proporcionado por [co], [ca], [con]: jo[co]sos a [ca]da [con]viva.

Exemplo 2

Original¹⁷

Gare de Lyon. Fin mai 1987. Plein midi.

Un soleil novice explosait dans un ciel qui avait, jusqu'ici, boudé la belle saison. Il se répandait, fourmillait au-dessus de la ville, transperçait les verrières du hall; illuminait les locomotives et les wagons, faisait scintiller les rails. Sous cette flambée de lumière, même le souvenir des nuages, avec cette couleur cendre dont ils badigeonnent visages et pierres, s'effaçait. Enjambant un printemps moisi, le temps se surpassait. L'été s'annonçait triomphal.

¹⁷ CHEDID. *L'enfant multiple*, p. 20.

Traduções

(1) 27/07/2014	Comentários
<p>Estação de Lyon. Fim de maio, 1987. Meio-dia. Um sol noviço explodia em um céu que, até então, recusara-se a aparecer na estação das flores. Ele se propagava, fervilhava sobre a cidade, transpassava as vidraças da entrada; iluminava as locomotivas e os vagões, fazia os trilhos cintilarem. Sob essa irrupção luminosa, mesmo a lembrança das nuvens, cuja coloração cinzenta pincelava rostos e pedras, desaparecia. <i>Enjambant</i> uma primavera úmida, o tempo passava. O verão se anunciava triunfal.</p>	<p>Deixei Lyon e Marseille em francês (nomes próprios), pois a história se passa na França, tem personagens francófonos e Paris como pano de fundo.</p> <p>Em alguns locais há rimas em francês que não são recuperadas em português, mas em outros locais há rimas em português em que não há em francês.</p>
(2) 21/10/2014	Comentários
<p>Gare de Lyon. Fim de maio, 1987. Meio-dia. Um sol noviço explodia em um céu que, até então, havia ignorado a estação das flores. Ele se propagava, fervilhava sobre a cidade, transpassava as vidraças do saguão; iluminava as locomotivas e os vagões, fazia os trilhos cintilarem. Sob essa irrupção luminosa, até a lembrança das nuvens, cuja coloração cinzenta cobria rostos e pedras, desaparecia. Deixando para trás uma primavera úmida, o tempo estava melhor do que de costume. O verão se anunciava triunfal.</p>	<p>Comentários mantidos (não houve modificação com relação aos acima expostos).</p>
(3) 08/06/2015	Comentários
<p>Gare de Lyon. Fim de maio, 1987. Meio-dia. Um sol noviço explodia em um céu que, até então, havia rejeitado a estação das flores. Propagava-se, fervilhava sobre a cidade, transpassava as vidraças do saguão; iluminava as locomotivas e os vagões, fazia os trilhos cintilarem. Sob essa explosão luminosa, até a lembrança das nuvens, com a cor cinza cobrindo rostos e pedras, desaparecia. A despeito do contratempo da primavera úmida, o tempo superava as expectativas. O verão se anunciava triunfal.</p>	<p>Perdem-se algumas letras [l] que dão o ritmo no discurso. Ex: saguão; iluminava. Tentar trazê-las de volta.</p> <p>Ela usa printemps / temps. Rima rica. Mantivemos.</p> <p><i>Sous cette</i> faz pensar em <i>sucette</i>.</p>

Observa-se o mesmo progresso apontado no exemplo anterior no que concerne à lapidação do texto. No entanto, poucas mudanças foram registradas nos comentários, como vemos nas alterações de *Estação de Lyon* (1) para *Gare de Lyon* (2) e de *cuja coloração cinzenta cobria*

rostos e pedras (2) para *com a cor cinza cobrindo rostos e pedras* (3). No primeiro caso, segundo Renard, a ideia foi preservar Gare, palavra também da língua portuguesa, visando reforçar a ambientação da cena do original; no segundo caso, tentou-se buscar a sonoridade por meio da repetição de [co]: *coloração, cobria*. Nos comentários da tradução 3 verifica-se que alguns pontos de atenção são citados, como a rima rica, e mesmo uma observação inicialmente sem importância efetiva para a tradução, relativa à pronúncia semelhante, mas não igual, das palavras dispostas no original uma atrás da outra *sous cette* (sob essa / esta) com a palavra única *sucette* (pirulito); a diferença está apenas em [u] e [y]. Nota-se que o processo criativo-tradutório ainda estava em andamento – a tradução 4, que no exemplo anterior mostrou-se mais satisfatória, ainda não havia sido feita neste trecho.

Sob o prisma da cadência, a primeira tradução (1) está mais harmônica devido ao uso de *Ele se e mesmo*, que conferem leveza e a noção de um acontecimento rotineiro, do movimento do dia a dia, por darem continuidade à imagem narrada. Na tradução 2 há um corte com o uso de *até* no lugar de *mesmo*: a primeira é uma palavra seca, monossilábica, que dá a impressão de finalização da narração, e acelera o movimento já frenético do cotidiano; já a segunda possui uma sonoridade mais envolvente, pela repetição de [m] e pela sílaba tônica (mes), mais longa quando pronunciada. Observa-se igualmente o corte na cadência na tradução 3 pelo uso de *Propagava-se* no lugar de *Ele se propagava*, o que dá a entender, segundo Renard, que nem sempre a tentativa de tornar o texto mais enxuto é válida quando o que se busca é o ritmo. Numa análise mais detalhada do exemplo, verifica-se que na primeira linha o uso da vírgula, que não consta no original, imprimiu a cadência em português: *Fim de maio, 1987. Meio-dia*. Ainda, a própria prosódia da língua portuguesa possibilita o jogo de palavras entre *maio* e *meio*. Optou-se pela omissão de *Pleno* (*Plein midi*) com o propósito de manter o ritmo das frases curtas, no entanto, conjectura-se seu uso devido à força do encontro consonantal de [pl], repetido mais adiante em *explodia*, cuja importância se dá também pela repetição de *dia*. As traduções dos trechos *recusara-se a aparecer* (1), *havia ignorado* (2) e *havia rejeitado* (3) denotam insatisfação nas soluções até então encontradas. Em 3 a palavra *explosão* é repetida – e por isso será certamente alterada – ao substituir *irrupção*, em virtude da ênfase de [l]: *iluminava, locomotivas, cintilarem, luminosa*. Ou seja: há muito a ser alterado na versão final. O único ponto

resolvido está em *A despeito do contratempo da primavera úmida, o tempo superava as expectativas*, trecho no qual, além da rima rica, a quebra por conta dos grupos consonantais remete ao contratempo citado.

Percebe-se aqui uma grande diferença em relação ao trabalho de Janczur, cujas notas remetem a comentários de teor predominantemente histórico, devido à natureza da obra em tradução, voltados a um possível leitor. Já a pesquisa de Renard mostra o processo criativo da tradução, com seus deslocamentos e vicissitudes, voltados a ela própria como tradutora. Mais uma vez, é a natureza da obra em tradução que direciona a configuração do texto.

3. Retorno aos questionamentos iniciais

As ilustrações anteriores, embora reduzidas, visto o grande número de trabalhos de conclusão de mestrado ou doutorado realizados nesse contexto, mostram a diversidade do gênero e levam a refletir sobre a configuração textual da tradução comentada. Por essa diversidade, o conjunto do texto de cada dissertação poderia ser considerado o comentário da tradução e a tradução poderia ser o comentário do original? Uma vez que cada pesquisa realizada pelo aluno, incluindo os comentários, influencia a tradução e a tradução, por sua natureza, influencia a configuração textual do resultado final de sua pesquisa, comentário e tradução, nesse contexto, se confundiriam, e seriam tão híbridos que justificariam a própria designação do gênero, tradução comentada?

A nosso ver, ainda não há respostas para essas perguntas. Porém, é possível observar que cada capítulo de cada dissertação participa dessa designação, já que cada parte, seja ela contextual (aspectos biográficos, estilísticos, históricos, científicos etc.), teórica (fundamentos para as estratégias adotadas etc.) ou crítica (tradução, análises da tradução etc.) explica, analisa, complementa por justificativas, abordagens, acréscimos a relação entre a prática acadêmica da tradução comentada e as bases teóricas possíveis que a fundamentam. Desse modo, tanto a tradução comentada de um clássico da medicina, ou mais especificamente, da fisiologia, quanto a de uma obra literária contemporânea seriam a integração, no contexto acadêmico, de toda a pesquisa realizada sobre a vida e a obra do autor, sobre questões teóricas terminológicas ou estilísticas e de tradução, que resultariam no texto traduzido acompanhado de glosas específicas, seja na forma de notas ou apontamentos.

Talvez uma das propriedades da tradução comentada em contexto acadêmico resida no registro do percurso tradutório do estudante, que deixa transparecer, por seus comentários de tipos diversos, suas dúvidas, suas escolhas iniciais, suas escolhas finais, seus embasamentos teóricos para os gestos cognitivos ou intuitivos, as justificativas das estratégias tomadas e os procedimentos fundamentais que colaboraram para a sua realização. Do mesmo modo, a forma de uma tradução comentada seria aquela em que o tradutor apresenta o contexto da obra e do autor, justifica sua importância – o que determina frequentemente a sua função –, fundamenta seus procedimentos tradutórios, selecionando alguns trechos mais significativos, e, com base nesses exemplos, discute as estratégias de tradução utilizadas. Mais que isso, a função da tradução comentada seria, primeiramente, pedagógica, pela qual o estudante, ao registrar um processo primordialmente analítico, questiona constantemente suas próprias decisões, mergulha no texto original enquanto leitor-tradutor, tenta entender as dificuldades interpretativas da obra em tradução, sejam elas referentes à morfologia, à sintaxe, à semântica, à pragmática e a todos os aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos – incluindo os temporais, relativos ao seu próprio prazo de conclusão de trabalho, com ou sem bolsa de estudos, e aos qualitativos, referentes à avaliação do trabalho –, enfim, o entorno dos textos concernentes em diálogo, ou seja, as dificuldades que permeiam o seu ato tradutório e as soluções imaginadas.

Ademais, como lembram Williams e Chesterman, “a importância de tais pesquisas reside na contribuição do aumento da autoconsciência para a qualidade da tradução”.¹⁸ Isto posto, do ponto de vista do professor ou da banca julgadora – conforme citado anteriormente – podemos claramente entender que “a avaliação do processo complementa a avaliação do produto”, como aponta Álvarez no artigo “Evaluating Students’ Translation Process in Specialised Translation: Translation Commentary”. Ou seja: qualquer avaliação só pode ser feita com base em todo o processo tradutório, não apenas no produto dele resultante. Ainda segundo a autora, o conhecimento linguístico, as experiências dos alunos e principalmente o tempo destinado à atividade – que evidencia a importância da tradução comentada em contexto acadêmico, acrescentamos – permitem a reflexão sobre as estratégias tomadas

¹⁸ WILLIAMS; CHESTERMAN. *The Map*, p. 7.

de maneira continuada, dinâmica e construtiva, sem correr o risco de esquecer os porquês das escolhas nas fases anteriores do processo, uma vez que elas são registradas, como vimos.

Em resumo, considerando a pesquisa realizada e os dois exemplos apontados, o gênero textual tradução comentada em contexto acadêmico, em constante construção, ainda é pouco indagado pelos Estudos da Tradução e merece um lugar de reflexão no domínio. Para contribuir inicialmente com esse campo, o presente trabalho tentou interpretar, por questionamentos ainda sem respostas, a prática, em contexto acadêmico, da orientação e da realização de traduções comentadas, o que denominamos *hermenêutica da práxis*. Em princípio, ao que nos parece, a natureza do texto em tradução orienta a configuração textual do trabalho. Desse modo, algumas hipóteses podem ser levantadas para pesquisas futuras: por um lado, haveria diferentes tipos de comentários nesse gênero textual, que poderíamos denominar, experimentalmente, de contextuais, que envolvem tudo o que diz respeito ao autor e à obra em tradução, tradutórios, que englobam o próprio texto traduzido e os apontamentos realizados pelo estudante-tradutor, e críticos, que dizem respeito à fundamentação teórica do trabalho e às análises feitas sobre a tradução e os apontamentos; por outro, a natureza da tradução comentada acadêmica seria mais justificante que explicativa se comparada a um cenário acadêmico mais externo (por exemplo, o das revistas) ou ao externo de fato (mercado editorial); sua forma, tão disforme como as externas, dependeria dos objetivos da pesquisa, assim como a sua finalidade, porém esta teria um fim primeiro, que depende de uma avaliação para a obtenção de um diploma, e determinaria, na verdade, a própria natureza da tradução comentada em contexto acadêmico. Ainda há, portanto, muito a explorar nesse campo.

Referências

ABES, Gilles Jean. Charles Baudelaire e sua primeira crítica de arte: tradução de uma carta de 1838 endereçada ao coronel Aupick. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, n. 7, p. 135-147, 2010,

ÁLVAREZ, Ana María García. Evaluating Students' Translation Process in Specialised Translation: Translation Commentary. *JoSTrans – The Journal of Specialised Translation*, London, n. 7, p. 139-163, jan. 2007. Disponível em: <http://www.jostrans.org/issue07/art_alvarez.php>. Acesso em: 10 nov. 2015.

BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger*. Paris: Gallimard, (1984) 2011.

BERNARD, Claude. *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*. Paris: Flammarion, (1865) 2008.

BOISSEAU, Maryvonne. Présentation. *Palimpsestes*, Paris, n. 20, p. 1-7. Disponível em: <<http://palimpsestes.revues.org/59>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CHEDID, Andrée. *L'enfant multiple*. Paris: Flammarion, 1989.

FRÖMMING, Sigfrid. Max und Moritz: uma tradução comentada. *Cadernos de literatura em tradução*, São Paulo, n. 12, p. 209-224, 2011.

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Seuil, 1987. (Coleção Poétique)

JANCZUR, Christine. *Apresentação de uma tradução comentada da Introdução e da Primeira Parte de Introduction à l'étude de la médecine expérimentale de Claude Bernard: do projeto à realização*. 2015. 215 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

KARAS, Hilla. Le statut de la traduction dans les éditions bilingues: de l'interprétation au commentaire. *Palimpsestes*, Paris, n. 20, p. 1-13, 2007. Disponível em: <<http://palimpsestes.revues.org/59>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

LAURENCE, Anthony. *AntConc 3.4.1w*. Disponível em: <<http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Paris: Éditions Verdier, 1990.

MESCHONNIC, Henri; DESSONS, Gérard. *Traité du rythme – des vers et des proses*. Paris: Dunod, 1998.

RENARD, Carla de Mojana di Cologna. *O ritmo no romance L'enfant multiple, de Andrée Chedid: uma tradução comentada*. Relatório de Qualificação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014. 147 p.

SANCONIE, Maïca. Préface, postface, ou deux états du commentaire par des traducteurs. *Palimpsestes*, Paris, n. 20, p. 1-11, 2007. Disponível em: <<http://palimpsestes.revues.org/59>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

SARDIN, Pascale. De la note du traducteur comme commentaire: entre texte, paratexte et prétexte. *Palimpsestes*, Paris, n. 20, p. 1-11, 2007. Disponível em: <<http://palimpsestes.revues.org/59>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. E. D. Sobre diferentes métodos de traduzir. Tradução de Celso Braida. *Princípios*, Natal, v. 14, n. 21, p. 233-265, 2007,

VENUTI, Lawrence. *The translator's Invisibility*. London, New York: Routledge, 1995.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. *The Map: a beginner's guide to doing research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.